

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA ATUAL

Renan Elizeu da Silva¹

Luiz Henrique Celestino da Silva²

Edson Leandro de Almeida³

Resumo: A literatura infantil brasileira que trata de gênero e sexualidade ainda enfrenta restrições de acesso nas escolas, decorrentes de discursos cis-heteronormativos de base neoliberal que atravessam o espaço educativo e seus agentes, contribuindo para o silenciamento e a distorção dessas temáticas. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar as representações de gênero e sexualidade em três obras contemporâneas da literatura infantil brasileira que abordam tais questões. O aporte teórico mobiliza Butler (2018), Felipe (2000), Silva e Brígido (2016), Louro (1997), Weeks (2000) e Miskolci (2010) para discutir gênero e sexualidade na infância, bem como Zilberman (2005), Peruzzo (2011) e Monteiro (2008) para fundamentar o estudo da literatura infantil. A metodologia consistiu em um estudo bibliográfico a partir da análise das obras *Coisa de Menina ou Coisa de Menino?*, de Pri Ferrari (2018); *Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual na Infância*, de Caroline Arcari (2013); e *A Princesa e a Costureira*, de Janaina Leslão (2015). Os resultados evidenciam que essas produções literárias apresentam gênero e sexualidade de maneira didática e acessível, traduzindo conceitos complexos em linguagem lúdica e compreensível para as crianças, o que contribui para a (des)construção de tabus e estereótipos que ainda circulam no ambiente escolar sob influência de discursos neoliberais e neoconservadores. Dessa forma, a pesquisa aponta para o potencial da literatura infantil como recurso pedagógico essencial na promoção de uma educação mais crítica, inclusiva e plural, capaz de ampliar perspectivas e favorecer o reconhecimento das diversidades desde a infância.

Palavras chave: Gênero e Sexualidade; Literatura Infantil; Infância;

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar as representações de gênero e sexualidade em três obras contemporâneas da literatura infantil brasileira que abordam ou apresentam aspectos dessas temáticas. Dito isso, compreendemos que a literatura infantil brasileira, ao tratar de questões como sexualidade e gênero, encontra-se excluída ou com acesso limitado nas instituições escolares, devido aos obstáculos provenientes de discursos neoliberais e neoconservadores, os quais visam o apagamento dessas discussões.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), renan.elizeu@ufpe.br;

² Graduando em Letras pela Faculdade Nova Roma - Campus Caruaru, lhenrique053@outlook.com;

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), edsonfilo@gmail.com.



Contudo, apesar das dificuldades que se mostram presentes para a inserção dessa literatura nas escolas, “a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta [...] é indispensável reconhecer que a escola não apenas reproduz, mas também produz identidades” (LOURO, 1997, p. 80). É de grande relevância conhecer obras que abordam essa temática, incentivando sua leitura e interpretação. Assim, o objetivo da literatura infantil com foco em gênero e sexualidade é possibilitar a exploração, de forma leve, de um assunto que, muitas vezes, é considerado inapropriado para crianças, pois prevalece a percepção de que estariam sendo introduzidas à vida sexual.

Diante disso, observa-se a necessidade de refletir criticamente sobre tal temática, visto que o gênero é algo que nos permeia enquanto sujeitos desde a infância, assim como a sexualidade. No entanto, tais noções ainda são socialmente percebidas como inexistentes nessa fase da vida, devido à dimensão ontológica da linguagem, que constrói discursos responsáveis por disseminar e produzir, discursivamente, uma compreensão muitas vezes equivocada sobre o tema. Nesse sentido, como afirma Louro (1997, p. 66), “o processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil”, o que evidencia que o gênero e a sexualidade são produzidos e naturalizados por meio de práticas e discursos sociais.

Sendo assim, ao se limitar ou omitir a abordagem dessas questões, abre-se espaço para que discursos conservadores se disseminem, criando categorias que excluem, segregam e até eliminam grupos que, historicamente, já são violentados de diversas formas, além de serem representados por meio de estereótipos negativos. Diante disso, surge a seguinte questão-problema: de que maneira algumas obras da literatura infantil brasileira contemporânea, que abordam ou apresentam as temáticas de gênero e sexualidade, representam essas temáticas?

Com o intuito de responder a tal questionamento, nosso objetivo nesta pesquisa é analisar as representações de gênero e sexualidade em algumas obras contemporâneas da literatura infantil brasileira que enfocam ou apresentam de alguma forma essas temáticas. Para alcançar esse objetivo, foram selecionadas três obras e definidos os seguintes objetivos específicos: 1) Identificar as representações de gênero e sexualidade voltadas para a infância presentes nas três obras analisadas; 2) Verificar se há elementos de desconstrução de estereótipos nas representações apresentadas acerca de gênero e sexualidade.



O texto se estrutura com uma introdução e duas categorias teóricas intituladas: 1) Representações de gênero e sexualidade; 2) Literatura infantil brasileira. Na metodologia, o estudo adota uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, voltada à análise das representações de gênero e sexualidade em três obras da literatura infantil brasileira. As obras escolhidas foram *Coisa de Menina ou Coisa de Menino?* (Ferrari, 2018), *Pipo e Fifi* (Arcari, 2013) e *A Princesa e a Costureira* (Leslão, 2015).

O tópico destinado aos resultados e discussões intitula-se “Representações que fazem e desfazem o gênero e a sexualidade em algumas obras da literatura infantil brasileira”. Por fim, as conclusões destacam que as obras analisadas promovem reflexões sobre gênero e sexualidade, desconstruindo estereótipos e ampliando compreensões dessas temáticas na infância. Elas refletem transformações sociais e desafios ainda presentes, como a violência e o silenciamento, evidenciando o papel da literatura infantil como instrumento de formação crítica e inclusão.

METODOLOGIA

O presente estudo possui natureza qualitativa, uma vez que se propõe a analisar as representações de gênero e sexualidade das obras selecionadas. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, cujos objetos de análise são três obras da literatura infantil brasileira que abordam elementos relacionados ao gênero e à sexualidade. Essas obras são examinadas à luz dos seguintes objetivos específicos: 1) Identificar as representações de gênero e sexualidade voltadas para a infância presentes nas três obras analisadas; 2) Verificar se há elementos de desconstrução de estereótipos nas representações apresentadas acerca de gênero e sexualidade.

A seleção das obras baseou-se em três eixos temáticos diretamente relacionados ao debate sobre gênero e sexualidade na infância: as relações de gênero, o corpo infantil e as identidades de gênero e sexualidade. Com o intuito de contemplar cada uma dessas categorias, foram escolhidas as seguintes obras: (1) *Coisa de Menina ou Coisa de Menino?*, de Ferrari (2018), por tratar dos espaços, atividades e profissões atribuídas socialmente a homens e mulheres, abordando, assim, a construção das relações de gênero; (2) *Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual na Infância*, de Caroline Arcari (2013), por tematizar o corpo infantil, apresentando as partes íntimas de meninos e meninas e orientações sobre os cuidados com o próprio corpo; (3) *A Princesa e a Costureira*, de Janaina Leslão (2015), por reelaborar o universo dos contos de fadas,



incorporando narrativas que expressam constituições identitárias relacionadas ao gênero e à sexualidade.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE:

O gênero pode ser lido como uma construção que se dá a partir de ações, comportamentos e expressões que são repetidos ao longo do tempo (Butler, 2018), e não algo inato ou uma predestinação; os sujeitos nascem, crescem, vivem e se relacionam, e a partir dessas vivências e relações, toda sua identidade é construída. Sendo assim, desde a infância, as relações e construções de gênero são impulsionadas por representações advindas de seus relacionamentos com seus pais/mães, irmãos/ãos, avós e demais familiares.

A escola também é um espaço de produção de representações que influenciam as posições subjetivas e as práticas de gênero, nesse sentido, todo o seu meio social é essencial para que a criança acabe entendendo e assujeitando-se ao o que é ser menino, o que é ser menina, quais são as diferenças entre ambos, qual o papel de cada um na sociedade segundo as normas instituídas pelo sistema cisheteronormativo de gênero e sexualidade (Miskolci, 2010).

As relações de gênero e sexualidade permeiam o cotidiano, levando muitas vezes a acreditar que as ações se estabelecem de determinada forma por que são da própria essência humana, são naturais (Butler, 2018), mas há diversas influências nesse processo, **discursos e práticas que definem** ‘coisa de homem’ ou ‘coisa de mulher’ e constituem posições definidas de gênero e de sexualidade. As normas sociais e culturais são rígidas ao ponto de determinarem o que é ser mulher, o que é ser homem a partir de suas repetições, que acabam dando um caráter permanente e “normal” de que o gênero é algo fixo, como aborda Butler:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2018, p. 54).

Esta repetição estilizada, à qual alude Butler (2018), pode ser percebida nos diversos dispositivos sociais utilizados no sentido de naturalizar os gêneros e definir seus lugares possíveis na sociedade. A performatividade do gênero e da sexualidade, tem como sustentação, exatamente, sua fantasia de naturalidade, como se fossem independentes dos construtos sociais diversos (mitos, ritos, linguagem, objetos, modos



de ser/vestir/falar, etc). Para o discurso cis-heteronormativo, vigente, e reproduzido na grande maioria das instituições escolares, o gênero é uma aquisição inata, e este determina a sexualidade dos sujeitos. Este mesmo discurso reage com irascibilidade diante de discursos contra-hegemônicos e diante da presença de materiais que promovam a reflexão crítica e ampla do caráter construtivo do gênero e da sexualidade.

O ser feminino, os gostos femininos sempre são vistos como delicados e frágeis, enquanto o masculino representa força e virilidade, e isso é construído desde a infância, quando se tenta, a todo custo e de forma reiterada, limitar os brinquedos que as crianças devem brincar, o jeito que devem agir e como devem falar. Diante disso, as discussões sobre gênero durante a infância se fazem necessárias quando estas ações limitadoras que ocorrem na rotina das crianças levam a comportamentos machistas, sexistas e lgbtfóbicos.

A escola desempenha um grande papel no desenvolvimento sócio-cultural e até mesmo moral nas crianças, como aborda Louro em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista* (1997), onde ela utiliza o termo ‘escolarização dos corpos e das mentes’ para abordar ao controle que as instituições escolares tem aos corpos e às mentes de seus discentes, influenciando no comportamento e hábitos dos mesmos, afirmando que a escola delimita o que deve ou não ser feito ou qual o lugar de cada um.

A sexualidade é compreendida, ainda hoje na escola e no senso comum, como sendo redutível ao ato sexual em si e que se manifesta apenas na adolescência e na vida adulta, associada à reprodução e a genitália e não como algo maior, que faz parte da vida humana desde o seu nascimento, como explorou Sigmund Freud (1905). Freud apontou, em seu conceito de sexualidade, mais amplo e abrangente que a noção de sexual, pois não se reduz ao ato sexual, nem à genitália, mas refere-se a todas as experiências de satisfação vivenciadas por um vivente e experienciadas em todo o seu corpo. Segundo Silva e Brígido (2016, p. 126), “Para situar a sexualidade além do aspecto reprodutivo, Freud verifica que desde a infância ela já se encontra presente e atuante na vida do ser humano, podendo inclusive ser detectada a presença dos impulsos sexuais nos recém-nascidos”.

A sexualidade infantil está relacionada na relação da criança com o seu corpo, como ela entende ele e como ela obtém prazer como explica Freud em seus estudos, onde aborda que a sexualidade infantil faz parte da estruturação psíquica da fase adulta, onde as experiências vivenciadas nesta fase estão relacionadas com o alcance de prazer



em áreas erógenas do corpo, sendo decisivas para realidade sexual e genital na vida adulta; Freud divide o desenvolvimento sexual em quatro, sendo elas chamadas de: Oral, anal, fálica e genital⁴ (Silva; Brígido, 2016, p. 131).

Segundo Jeffrey Weeks (2000), em seu ensaio *O Corpo e a Sexualidade*, a sexualidade é vista, pelo senso comum, de maneira essencialista, como algo inerente, e não como algo construído, o que leva a refletir que a sexualidade é um meio de regulação social, onde a cultura e a classe dominante usam como aparelho para controle social, reprimindo a sexualidade e limitando a maneira como a expressamos.

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

De acordo com Zilberman (2005, p. 13), “Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele.” Diante disso, percebe-se que a literatura se constrói a partir da sociedade, assim como a sociedade se constrói a partir da literatura, e ambas impactam os/as leitores/as no ambiente escolar desde a infância — fase em que o contato com obras literárias é diário, uma vez que a criança se encontra em processo de alfabetização e letramento. Sendo assim, a educação infantil e os anos iniciais exercem forte influência na construção identitária das crianças, como aponta Peruzzo (2011), ao afirmar que:

Apesar do baixo prestígio à leitura, principalmente na escola pública, devido à pouca disponibilidade de meios e recursos, ela ainda continua sendo um dos principais meios de formar leitores críticos, contando, atualmente, em muitas localidades, com o apoio solidário de colaboradores individuais e da comunidade. (Peruzzo, 2011, p. 2)

O espaço escolar apresenta-se, portanto, como um ambiente propício à formação de leitores críticos e pensadores, mas, para isso, é fundamental que haja colaboração solidária. Diante disso, as leituras realizadas na infância têm um caráter marcante na formação das memórias e acabam se tornando referência fundamental na vida adulta, como destaca Zilberman (2005):

Poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta. Não significa que, depois, não voltemos a eles; importa, porém, que o regresso se deva ao fato de terem marcado nossa formação de leitor, imprimirem-se na memória e tornarem-se

⁴ As fases do desenvolvimento psíquico infantil são: Oral (0–2 anos, prazer na boca e ingestão), Anal (2–4 anos, prazer no controle das fezes), Fálica (4–6 anos, descoberta dos genitais e auto-manipulação) e Genital (da puberdade em diante, desejo voltado ao outro, marcando maturidade e consciência) (Silva; Brígido, 2016, p. 132).



referência permanente quando aludimos à literatura. (Zilberman, 2005, p. 10-11)

A autora ressalta a importância dos livros infantis na constituição dos sujeitos por meio da memória, o que instiga a pensar e refletir sobre quais obras marcarão as crianças da atualidade, quais valores e ideais essas obras transmitem, e quais discursos são construídos a partir das leituras a que as crianças têm acesso — seja por meio dos pais ou, mais comumente, dos professores.

Segundo Peruzzo (2011, p. 4), é o adulto que necessita “[...] mostrar à criança como os escritos que circulam no cotidiano podem ser utilizados, a fim de que a mesma compreenda seus sentidos. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado.” Com base nessa afirmação, percebe-se que possibilitar o acesso a uma literatura diversa torna-se essencial para que a criança desenvolva a compreensão dos significados estruturantes da sociedade, das comunidades em que vive e de suas relações sociais.

REPRESENTAÇÕES QUE FAZEM E DESFAZEM O GÊNERO E A SEXUALIDADE EM ALGUMAS OBRAS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Segundo Judith Butler (2018, p. 44), “o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é”. Logo, o gênero é constituído pelo discurso presente na sociedade e em seus diversos veículos, que o sustentam e reproduzem (mídia, livros, instituições religiosas, entre outros). Partindo dessa premissa, ao se voltar para a literatura, é possível identificar discursos que constituem identidades de gênero, bem como identidades sexuais, e que se manifestam na literatura infantil por meio de obras como as selecionadas para a análise neste estudo.

A primeira obra é *Coisa de Menina ou Coisa de Menino?*, da autora Pri Ferrari (2018), que utiliza frases e ilustrações para demonstrar que as meninas podem ocupar espaços, ter gostos e praticar hobbies que, muitas vezes, são socialmente associados aos homens, os quais, no livro, podem validar seus sentimentos, ser cuidadosos e respeitosos. A representação feminina é evidenciada em trechos como: “Meninas são criativas. Elas desenham, inventam e amam histórias sobre sabres de luz, anéis mágicos



e super-heróis” (Ferrari, 2018, p. 20) ou “Tem menina que gosta de videogame. Domina territórios, atravessa labirintos e passa as fases mais difíceis” (Ferrari, 2018, p. 26).

Sendo assim, o gênero feminino é compreendido na obra como detentor do direito de ocupar os espaços que desejar e usufruir do que gosta, o que contribui para o rompimento do discurso de que as mulheres devem realizar somente atividades de apoio e cuidado, como apresenta Louro (1997) ao tratar de como as atividades femininas eram vistas:

Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, ‘de apoio’, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (Louro, 1997, p. 3).

As mulheres, por muito tempo — e ainda hoje em certos contextos —, ocupam ainda espaços ligados ao cuidado e ao apoio. No entanto, obras como a de Ferrari (2018) possibilitam desestabilizar o estereótipo de que a mulher só deve ocupar esse lugar, apresentando outras realidades, como quando Ferrari (2018) afirma: “Meninas estão no esporte. Elas treinam muito e batem recordes de velocidade, precisão e força” (p. 10) ou “Muitas meninas são corajosas. Elas se arriscam diariamente para apagar incêndios e salvar vidas” (p. 36).

Além disso, Ferrari (2018) apresenta também questões relativas ao gênero masculino, evidenciando a expressão e vivência dos sentimentos, o respeito e as responsabilidades com tarefas, geralmente associadas às mulheres na sociedade. O gênero masculino é abordado a partir de frases como: “Meninos sabem cuidar. Cuidado é quando fazemos o nosso melhor pelos outros” (Ferrari, 2018, p. 48); “Quando a gente fica triste, dá vontade de ficar sozinho, de conversar com alguém, de chorar (meninos podem chorar sempre que quiserem)... e, às vezes, tudo que a gente quer é um abraço” (p. 59); “Muitos meninos têm tarefas. Tarefas são coisas que a gente faz agora para ficar mais feliz daqui a pouco” (p. 62).

Isso evidencia a desestabilização das ideias de que os homens devem assumir um papel exclusivamente forte, bruto e inconsequente, ainda reforçado socialmente. Esse movimento de rompimento remete ao que Marcel Proust chamou de *homme-femme* (“homem-mulher”) no início do século XX, conceito que se refere a um homem que desafia as expectativas sociais tradicionais e, por isso, não é considerado um “verdadeiro” homem (Weeks, 2000).



Partindo disso, observa-se que a sociedade se organiza em uma estrutura que produz corpos masculinos limitados, impedidos de experienciar nuances humanas, como sentimentos associados à vulnerabilidade ou o cuidado, características culturalmente vinculadas ao feminino. Isso compromete a constituição do “ser homem” e reverbera em preconceitos sexistas e homofóbicos.

A sexualidade, apesar de não se apresentar de forma explícita na obra — cujo enfoque está nas relações de gênero —, ainda pode ser observada em alguns aspectos que dialogam com identidades sexuais. Em determinadas frases e imagens, há performances que, por vezes, podem ser interpretadas como de pessoas homossexuais, como no trecho: “Algumas meninas são apaixonadas por mecânica. Elas consertam motos e viajam em busca da liberdade” (Ferrari, 2018, p. 24). Contudo, o contexto trazido sugere que tais vivências são universais e independem de gênero ou orientação sexual.

A segunda obra analisada intitula-se “*Pipo e Fifi: Prevenção de Violência Sexual na Infância*”, de Caroline Arcari (2013). A autora apresenta o gênero por meio de monstros chamados Pipo e Fifi, introduzindo o corpo de forma lúdica, com nomes infantilizados para as partes íntimas (como *perereca* e *pipi*), além dos nomes usuais (vulva e pênis). Também são apresentadas outras partes, como mamilos e bumbum. Assim, o foco inicial recai sobre o gênero no viés biológico, compreendendo que homens e mulheres possuem partes que devem ser igualmente protegidas, diferenciando-se apenas pelos órgãos genitais.

Contudo, observa-se que não há representações de corpos para além do cisgênero, ausentando-se as figuras trans e intersexuais. Isso revela o caráter binário ainda presente no discurso científico, que invisibiliza corpos não cis na literatura infantil. Tal invisibilização marca os sujeitos e os acompanha até a vida adulta, como aponta Zilberman (2005, p. 10): “Reler obras que marcaram as lembranças de leituras passadas é sinal de que aqueles livros foram julgados bons”.

Para além disso, a identidade masculina é colocada em situações que desestabilizam posições conservadoras e estereotipadas, as quais definem o homem heterossexual como forte e não vulnerável. Isso se evidencia em imagens e falas que retratam, por exemplo, um avô sendo carinhoso com o neto, acompanhado da frase “na hora do soninho um afago na cabeça aproveitar” (Arcari, 2013, p. 16), ou um abraço entre um homem adulto e um menino, seguido da frase: “quando a saudade aparecer, com vontade abraçar” (Arcari, 2013, p. 18).



Outro aspecto que se destaca na obra são as situações que envolvem exemplos de interações entre crianças e adultos, com o objetivo de demonstrar o que pode ou não ser feito fisicamente. Nessas representações, apenas homens aparecem como os que violam os corpos infantis, o que se observa nas ilustrações acompanhadas de frases como: “ninguém pode te beijar sem você permitir” (Arcari, 2013, p. 21) e “carinhos em segredo nunca devem acontecer” (Arcari, 2013, p. 23).

Esse aspecto se estabelece porque, como apresenta Louro (1997, p. 11), “usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão”. Logo, os homens dominam, estabelecem regras e, nesse contexto, constituem uma cultura que os posiciona como sujeitos que violam corpos, ao incorporarem discursos que os autorizam a serem inconsequentes, perversos e sexistas. Esses elementos também se relacionam com a sexualidade, que, embora não seja explorada diretamente por Arcari, pode ser percebida nas ações dos personagens, vivida de forma articulada ao gênero.

A terceira e última obra analisada intitula-se “*A princesa e a Costureira*”, de Janaína Leslão (2015). A narrativa apresenta a história da personagem Cíntia, princesa do reino de EntreRios, que, ao nascer, recebe de sua fada madrinha um feitiço: ela crescerá e descobrirá quem é seu verdadeiro amor a partir de um toque nas costas. Contudo, esse toque não vem de um príncipe, mas de uma costureira do reino, o que gera os conflitos que se desenrolam ao longo da trama.

O livro apresenta o gênero feminino por meio das personagens Cíntia e Selene, ambas princesas. Em um primeiro momento, a obra reafirma a condição da mulher que, muitas vezes, precisa abrir mão de suas vontades, como se observa no trecho em que Selene revela seu amor escondido: “Selene amava Febo. [...] Disse para Cíntia que nunca tinha expressado seu amor porque todos diziam que quem deveria se casar com o príncipe era a princesa mais velha. Sofria muito quando pensava que quem viveria com seu amado seria sua própria irmã [...]” (Leslão, 2015, p. 21).

Essa questão do silenciamento das vontades femininas é discutida por Felipe (2000) ao analisar o livro *Código de Bom Tom*, quando expõe que “é possível perceber o quanto as meninas e mulheres deveriam ser comedidas, recatadas, não podendo manifestar alegria ou espontaneidade. Ao contrário, deveriam dissimular seus sentimentos, parecendo a tudo consentir e calar” (Felipe, 2000, p. 117).

O gênero masculino é representado principalmente pelo personagem Febo. Febo é o príncipe de EntreLagos e cresceu junto às princesas, cultivando com elas uma



grande amizade. Como apresenta Leslão (2015, p. 10): “Febo foi criado muito próximo das princesas. Nas férias e nas festas estavam sempre juntos. Os três aprenderam a dançar, patinar, andar a cavalo, observar as estrelas e, desde pequenos, a defender as ideias de paz em seus reinos”. O personagem rompe, assim, com a ideia de que homens não podem ser amigos de mulheres nem compartilhar das mesmas atividades.

Nesse sentido, a análise de Butler (2018, p. 188) é fundamental, pois revela que “[...] a realidade do gênero é criada mediante performances sociais contínuas, e as próprias noções de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas [...]”. Esse entendimento abre espaço para compreender a masculinidade de Febo de modo não restrito ao normativo.

A sexualidade, na obra, é apresentada de forma lúdica e diversa, uma vez que se manifesta como não fixa por meio da personagem Cíntia, possivelmente bissexual. Isso é evidenciado em frases como: “A princesa Cíntia não sabia do encantamento da Fada Madrinha, mas perguntava a si mesma se Febo era o seu verdadeiro amor. Como ter certeza?” (Leslão, 2015, p. 12) e “[...] a tradição dizia que uma mulher tinha que amar um homem. E agora, seria jogada na rua por amar uma mulher? [...] Como faria para que todos entendessem que esse amor era tão amor quanto outros amores?” (Leslão, 2015, p. 21).

Esse movimento desestabiliza a ideia monossexista de que a sexualidade ocorre pelo desejo de apenas uma identidade de gênero e de forma fixa, possibilitando novas compreensões e experiências que impactam diretamente a percepção acerca das identidades sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo de analisar as representações de gênero e sexualidade em algumas obras contemporâneas da literatura infantil brasileira que abordam essas temáticas, constatou-se que as obras selecionadas oferecem elementos que permitem refletir sobre os sentidos atribuídos às categorias de homem e mulher na sociedade, bem como sobre as diversas identidades sexuais. Cada obra contribui para desfazer estereótipos e reconstruir conceitos relacionados a gênero e sexualidade, apresentando estratégias narrativas que favorecem a problematização dessas questões junto ao público infantil.



Observa-se que a literatura infantil brasileira reflete, em parte, as transformações da sociedade contemporânea, marcada por rupturas nos padrões tradicionais de gênero e sexualidade, mas também pelas persistentes problemáticas do cotidiano, como a violência praticada por homens contra crianças, o silenciamento e a submissão das mulheres, entre outras questões sociais. Nesse sentido, as obras analisadas evidenciam o potencial da literatura infantil não apenas como instrumento de entretenimento, mas como espaço de reflexão crítica sobre normas sociais, estereótipos e relações de poder, permitindo compreender como as representações literárias dialogam com o contexto social e contribuem para a construção de uma consciência mais plural e inclusiva desde a infância.

REFERÊNCIAS

ARCARI, Caroline. **Pipo e Fifi: Prevenção de violência sexual na infância**. Cores, 2013.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FELIPE, Jane. **Infância, gênero e sexualidade**. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 25, n. 1 (jan./jun. 2000), p. 115-131, 2000.

FERRARI, Pri. **Coisa de menina ou coisa de menino?** 1. ed. São Paulo: Editora Bonifácio, 2018.

LESLÃO, Janaina. **A princesa e a costureira**. 1. ed. Editora Metanoia, 2015

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 1997.

MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

PERUZZO, Adreana. **A importância da literatura infantil na formação de leitores**. Cadernos do CNLF 15 (5), 95-104, 2011.

SILVA, Fábio Brandão; BRÍGIDO, Edimar. **A sexualidade na perspectiva freudiana**. Revista Contemporânea, n. 13, 2016.

WEEKS, Jeffrey. **O CORPO E A SEXUALIDADE**, In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35 - 83.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

